Dia 23 — São Jorge, Mártir

São Jorge, um dos mais célebres mártires da Igreja, a quem os gregos chamam por excelência o grande mártir, nasceu na Capadócia, de família ilustre e distinguida por sua nobreza, mas mais assinalada pelo zelo com que professava e defendia a verdadeira religião.

Sua qualidade e distinção o obrigaram a seguir a profissão das armas; e, como era um jovem dos mais bem dispostos, mais valentes e mais cultos de todo o exército, granjeou em pouco tempo a vontade do imperador Diocleciano, que lhe deu uma companhia e o fez seu mestre de campo. Acreditaram o acerto desta eleição o valor, a prudência e seu bom comportamento em tudo, numa idade tão pouco avançada; e, descobrindo cada dia o imperador mais e mais as prendas e o extraordinário mérito do novo oficial, pensava elevá-lo aos primeiros cargos e cumulá-lo de favores quando começou a estalar a tempestade que desde alguns anos antes se ia forjando contra os cristãos e desde os primeiros anúncios se começou a temer que inundaria em sangue de mártires toda a Igreja de Deus.

Desde então, ainda que Jorge tinha somente vinte anos, considerou-se como vítima destinada ao sacrifício e dispôs-se para ele com o exercício das mais heroicas virtudes. Como tinha o grau de oficial general, era do conselho do imperador e conheceu que isto o obrigaria a declarar-se dos primeiros e a dar provas de sua fé, não dissimulando sua religião. Fez sacrifício de seus bens antes de chegar o caso de fazer o de sua vida. Achando-se herdeiro de um rico patrimônio por morte de sua mãe, repartiu tudo entre os pobres; vendeu seus preciosos móveis, seus ricos vestidos e distribuiu o preço entre os fiéis que ao primeiro rumor da perseguição se haviam dispersado e deu liberdade a seus escravos.

Despojado já de tudo, entrou, por assim dizer, na liça e foi à sala do conselho. Havendo proposto o imperador o ímpio e cruel projeto de exterminar todos os cristãos, aplaudiu-o toda a junta; mas toda ela ficou extraordinariamente surpreendida e admirada quando viu levantar-se de seu assento nosso jovem oficial e, com uma nobre desenvoltura, mas modesta, atenta e respeitosa, contradizer em poucas palavras o que todos haviam dito para autorizar a resolução que se havia tomado de perseguir os cristãos e de exterminá-los em todo o império.

Era naturalmente eloquente e, como falava com muita graça, com energia e com fogo, fez-se escutar com admiração e com respeito. Fez ver ao conselho a injustiça e a impiedade daquela perseguição; defendeu com uma discreta apologia os cristãos e concluiu exortando o imperador a que revogasse uns editos que só se dirigiam a oprimir a inocência. Havia já acabado de falar e ainda não haviam voltado de sua admiração os que o ouviam: a viveza de seu discurso, o ar religioso com que o pronunciou e sua rara modéstia tinham como entredito os ouvintes e por algum tempo calmaram as paixões de todo o conselho. O imperador, ainda mais aturdido que os outros, mandou ao cônsul Magnêncio que respondesse a nosso santo. «Bem se conhece, disse-lhe o cônsul, pelo desembaraço com que falaste em presença do imperador, que és um dos principais chefes desta seita: tua confissão porá o cúmulo a tua insolência; mas nosso augusto príncipe,

defensor dos deuses do império, saberá vingá-los de tua impiedade.»

«Se a impiedade há de castigar-se, respondeu Jorge, não sei eu que haja outra mais abominável que a de atribuir às criaturas, até àquelas que são inanimadas, os soberanos títulos e direitos próprios e peculiares da divindade. Não pode haver mais que um só Deus verdadeiro: este é aquele a quem eu sirvo e adoro. Sim, cristão sou, e deste nome me glorio, não aspirando a maior dita nesta vida que a derramar todo o meu sangue por aquele Senhor de quem recebi a vida.» Enfurecido o imperador ao ouvir este discurso e temendo que fizesse impressão nos ânimos dos circunstantes, mandou que ao ponto o carregassem de cadeias e o encerrassem num calabouço.

Achou nele nosso santo com que satisfazer o ardente desejo que tinha de padecer por Jesus Cristo. O primeiro efeito da cólera do tirano foi mandar atormentá-lo com um gênero de suplício nunca ouvido até aquele dia. Mandou atá-lo a uma roda semeada toda de agudas pontas de aço, a qual, a cada volta que dava, levantava para cima pedaços de carne e fendia em sangrentos canais aquele delicado corpo. Ficaram atônitos os mesmos verdugos vendo a alegria do generoso mártir todo o tempo que durou este horrível tormento; mas ainda ficaram mais assombrados quando, supondo-o já morto, o acharam inteiramente curado de todas as suas feridas.

Converteram-se muitos gentios à vista desta milagrosa cura; mas ela mesma irritou mais o tirano. Como era Jorge uma das primeiras vítimas que Diocleciano sacrificava a sua crueldade, não houve gênero de suplício que não empregasse para vencer sua magnanimidade e sua constância. Apenas se pode crer o que referem de seus tormentos as atas mais antigas do martírio de nosso santo. Tudo o que pode inventar a mais bárbara desumanidade, tudo o que é capaz de discorrer a cólera de um tirano e tudo o que pode sugerir a raiva e a malignidade do inferno, tudo se pôs em execução para atormentar o invencível mártir; mas tudo serviu para confundir os pagãos e para manifestar mais a glória e o poder do Deus que adorava Jorge. O aço, o fogo, a cal viva, de tudo se valeram para obrigá-lo a desistir de sua santa resolução e fazê-lo abandonar a fé; mas a firmeza e até a alegria que manifestava em meio dos tormentos; certo resplendor maravilhoso que rodeou todo o seu corpo e dissipou as trevas do escuro calabouço; os muitos milagres que obrou em benefício dos mesmos que o atormentavam: tudo isto fez triunfar sua religião e converteu à fé a muitos infiéis. Deste número foram os dois pretores Prótolo e Anatólio. Em vão gritavam alguns que tudo era feitiçaria, sortilégio, arte mágica, encantamento: sua heroica paciência em meio dos mais cruéis tormentos e as grandes maravilhas que obrava fizeram titubear os mais obstinados, tanto que o imperador chegou a temer uma conversão geral em toda a cidade. E até se assegura que a imperatriz Alexandra se converteu e que mereceu a coroa do martírio. Mas seja disto o que for, é certo que o imperador, vendo que eram inúteis todos os tormentos, recorreu ao artifício; e, mudando repentinamente de tom e de conduta, mandou que lhe tirassem as prisões e o conduzissem a sua presença.

Logo que o viu, disse-lhe com afetada brandura: «Jorge, não sem grande dor minha me vi obrigado a mandar que se executasse contigo todo o rigor dos editos publicados contra os inimigos de minha religião. Não podes ignorar o grande apreço que sempre fiz de teu mérito; e o posto que ocupas em meus exércitos é boa prova de minha bondade. O único obstáculo que pode opor-se a tua fortuna será tua obstinação: és jovem, logras toda a proteção do imperador, o favor acrescentado ao mérito te promete os primeiros cargos do império. Que aguardas para voltar a tua

obrigação e para aplacar com teus sacrifícios a cólera dos deuses?»

Suplicou Jorge ao imperador que o mandasse conduzir ao templo para ver aqueles deuses a quem queria que oferecesse sacrifícios. Não duvidou já Diocleciano de que sua suavidade e suas promessas haviam finalmente triunfado do confessor de Jesus Cristo. Foi conduzido ao templo acompanhado de inumerável povo: apenas descobriu a estátua de Apolo, perguntou-lhe nosso santo: «Dize-me, és Deus?» «Não sou Deus», respondeu a estátua com voz terrível e espantosa que estremeceu os circunstantes. «Pois vinde cá, espíritos malignos, anjos rebeldes, condenados pelo verdadeiro Deus ao fogo eterno, como tendes atrevimento para estar em minha presença, que sou servo de Jesus Cristo?» Ao dizer estas palavras, acompanhadas com o sinal da santa cruz, ouviram-se no templo gritos horríveis, uivos espantosos, e viram-se cair derribadas por mão invisível todas as estátuas, fazendo-se em pedaços contra o chão. À vista de um espetáculo tão maravilhoso, ao princípio ficaram todos atônitos; mas depois os sacerdotes dos ídolos, com seus gritos e com suas lágrimas, excitaram uma sedição tão geral que apenas se ouviam mais que as descompassadas vozes com que clamava todo o povo que quanto antes se livrasse a terra daquele monstro.

Informado o imperador do que acabava de suceder, mandou que no instante lhe cortassem a cabeça; o que se executou no dia 23 de abril, por volta do ano de 290.

Em todas as igrejas do Oriente e do Ocidente foi sempre muito célebre a memória deste ilustre mártir, e seu culto é dos mais antigos na Igreja. Assegura-se que desde o fim do quinto século já havia altares dedicados a seu nome, erigidos por Santa Clotilde, mulher do rei Clóvis. Contribuiu muito ao culto de São Jorge na França São Germano, bispo de Paris, um dos mais célebres prelados do século sexto, quando, com a oportunidade de sua peregrinação ao Oriente, o imperador de Constantinopla lhe presenteou muitas relíquias e, à sua volta, fez edificar uma capela em honra de São Jorge na igreja de São Vicente, que hoje é a de São Germano dos Prados. As muitas capelas e altares que em toda a Europa se têm erigido com o nome de nosso santo são boa prova da devoção que lhe professam todas as nações e da ânsia com que desejam todas merecer seu poderoso amparo e proteção. Algumas ordens militares tomam o nome de São Jorge, como a que fundou o imperador Frederico IV, primeiro arquiduque da Áustria, em 1470; outra há na república de Gênova, diferente da que, com o nome dos cavaleiros de São Jorge de Alfama, se fundou por volta dos anos de 1200 no reino de Aragão. Também os exércitos cristãos costumam pôr-se sob a proteção de São Jorge. Comumente se o pinta a cavalo, armado de todas as armas, com uma lança na mão, em ademã de acometer um dragão para defender uma donzela que teme ser despedaçada. Mas isto é mais símbolo que história, para denotar que este ilustre mártir defendeu sua província, representada pela donzela, do fero dragão da idolatria. E, como entre os gregos quase todas as coisas degeneraram em mil extravagâncias, a singular veneração que professavam a nosso santo veio a parar com o tempo em superstições ridículas, que são a origem das grosseiras fábulas que nos vendem os viajantes visionários com referência a São Jorge.

Martirológio Romano

A festa de São Jorge, cujo glorioso martírio honra a Igreja entre os demais santos que padeceram pela fé.

Em Valência do Delfinado, os santos mártires Félix, presbítero, e Fortunato e Aquileu, diáconos, os quais, havendo sido enviados a pregar a palavra de Deus por Santo Ireneu, bispo, e havendo convertido à fé de Jesus Cristo a maior parte da cidade, foram postos no cárcere por ordem do capitão Cornélio; depois os açoitaram cruelmente, quebraram-lhes as pernas, ataram-nos a umas rodas, às quais faziam dar voltas com suma rapidez, penduraram-nos do potro no meio de uma fumaça espessa e por último os degolaram.

Na Prússia, o trânsito de Santo Adalberto, bispo de Praga e mártir, que pregou o Evangelho na Polônia e na Hungria.

Em Milão, São Marolo, bispo e confessor.

Em Toul, na França, São Gerardo, bispo desta cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Georgii martyris tui meritis et intercessione lætificas: concede propitius, ut qui tua per eum beneficia poscimus, dono tuæ gratiæ consequamur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que nos alegrais com os merecimentos e com a intercessão de vosso bem-aventurado mártir São Jorge, concedei-nos que consigamos por vossa graça os benefícios que pedimos por sua intercessão. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo.

2 Timóteo 2,8-10; 3,10-12

> **Latim:** 8 Memor esto Dominum Jesum Christum resurrexisse a mortuis ex semine David, secundum Evangelium meum, 9 in quo laboro usque ad vincula,

> quasi male operans : sed verbum Dei non est alligatum. [10] Ideo omnia sustineo propter electos, ut et ipsi salutem consequantur, quæ est in Christo Jesu, cum gloria cælesti. [10] Tu autem assecutus es meam doctrinam, institutionem, propositum, fidem, longanimitatem, dilectionem, patientiam, [11] persecutiones, passiones : qualia mihi facta sunt Antiochiæ, Iconii, et Lystris : quales persecutiones sustinui, et ex omnibus eripuit me Dominus. [12] Et omnes, qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur.

Português: [8] Lembra-te que o Senhor JESU CHRISTO, que nasceo do sangue de David, resurgio dos mortos, segundo o evangelho, que eu prêgo, [9] no qual eu trabalho até estar em prisões, como hum malfeitor: mas a palavra de Deos não está comigo atada. [10] Por tanto soffro tudo pelos escolhidos, para que tambem elles consigão a salvação, que he em Jesu Christo, com a gloria do ceo. [10] Tu porém já tens compreendido a minha doutrina, instituição, intento, fé, longanimidade, caridade, paciencia, [11] as minhas perseguições, vexações: quaes me acontecerão em Antioquia, Iconio, e em Lystra: quão grandes perseguições soffri, e como de todas me livrou o Senhor. [12] E todos os que querem viver piamente em Jesu Christo, padecerão perseguição.

Nota

«A opinião mais comum é que o Apóstolo escreveu esta carta no tempo de sua segunda prisão, no ano do Senhor de 66, e nela parece desejar com ânsia que seu querido discípulo vá quanto antes vê-lo, assegurando-lhe que já estava perto do fim de sua carreira e de ser sacrificado a Cristo por meio do martírio, como efetivamente sucedeu naquele mesmo ano.»

Reflexões

Todos os que quiserem viver piamente em Cristo Jesus serão perseguidos. Omnes qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur. São as perseguições a herança dos bons: contudo é certo que não são as mais cruéis as que padecem da parte dos ímpios; as mais terríveis são as que vêm por mão dos que fazem profissão de virtuosos e deveriam ser os mais ardentes defensores da virtude.

Determine-se uma pessoa religiosa a observar com pontualidade as menores regras, persuadida da indispensável obrigação em que está de aspirar à perfeição de seu estado; muita resolução há mister, mas ainda há mister maior paciência para não ceder à multidão dos que estão mal com tanta reforma. Os menos fervorosos, que numa comunidade por regra costumam compor o maior número, consideram aquela exata pontualidade num particular como uma espécie de tácita censura, e seu fervor se lhes figura uma secreta repreensão de sua tibieza. Não lhe basta ao tal religioso retirar-se ao recolhimento de sua cela e de seu silêncio, não meter-se em outra coisa que

em cumprir sua obrigação, não ceder a outro algum em humildade, em afabilidade e cortesia; sabida coisa é que a emulação não se vence à força de virtudes: pretende-se não descobrir nele mais que uma espécie de secreto orgulho, um espírito de teima e de singularidade, um gênio de reformador impertinente, que vem introduzir novidades e turbar a quieta e pacífica posse em que estava a relaxação da comunidade. O cenho com que o olham, o desvio e até o desprezo com que o tratam, as alusões satíricas e as queimações com que o ferem, consequências tão ordinárias onde reina a emulação, põem em terríveis provas uma virtude terna e recém-nascida. Até a estima que fazem dele os ajustados e os fervorosos lhe dá muitas ocasiões em que merecer.

Distingue-se numa comunidade um sujeito por sua singular virtude, por ser mais humilde, mais obediente, mais mortificado que os outros; bem pode viver persuadido de que há de carregar com os ofícios mais penosos da casa. Todos aqueles em que há algum especial trabalho, todos aqueles de que fogem os tíbios e os imperfeitos, todos virão buscá-lo e serão os que lhe toquem a ele. O conceito que se tem de sua mortificação e de sua rendida obediência faz que se passe às cegas por cima de sua virtude. Aos tíbios, aos imperfeitos têm-se-lhes mil considerações, muito respeito; mas permite Deus que nenhuma se tenha com os virtuosos. Os bons costumam estar oprimidos com o peso das cargas, enquanto os maus, os que só fazem aquilo que se lhes antoja, estão ociosos e gastam o tempo em censurar tudo quanto fazem os que verdadeiramente trabalham. A mesma irregularidade se observa, em proporção, nas famílias e casas particulares a respeito dos filhos e criados mais ou menos virtuosos. Muito tem que padecer o amor-próprio numa distribuição tão desigual; mas nela acha sua conta a virtude; e, ainda que esta distinção seja incômoda e desagradável, ao cabo a honra muito. É verdade, por outra parte, que, se esta prova é sumamente útil a uma alma fervorosa, também desalenta e afasta da virtude a outras muitas pusilânimes. Aquela condescendência que se tem com os imperfeitos, aos quais talvez se dissimula e se consente demasiado, e aquela aparente dureza com que se trata os fervorosos, com quem em nada se repara, a uns mantém tranquilos em sua vida pouco regular e até relaxada; e, exercitando a paciência dos outros, desgosta da observância aqueles que encontram tantas vantagens em sua mesma relaxação. Não se pode negar que este desgosto será irracional e que este pretexto será frívolo; pois ninguém ignora que Deus muitas vezes parece que perdoa ao pecador e que aflige o justo. Com este mesmo espírito procedem os superiores na distribuição dos empregos e nas condescendências que costumam ter com os imperfeitos. A prosperidade, que parece haver de ser o privilégio dos virtuosos até nesta vida, é de ordinário a legítima dos indevotos. Mas será menos infeliz a sorte dos bons porque seja mais trabalhosa? E que motivo terão os justos para queixar-se, diz Gregório, de que Deus lhes reserve todo o prêmio para a outra vida, ao mesmo tempo que aos maus recompensa nesta aquele pouco bom que fazem nela?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João, o mesmo do dia 14 [^1].

João 15,1-7

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum, ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis.

Português: [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

Meditação

Da vida inútil da maior parte dos homens

Primeiro ponto

Considera que tudo aquilo que não serve nem conduz para o céu é inútil: negócios grandes, trabalhos imensos, gastos excessivos, palácios soberbos, heranças ricas, vida deliciosa, honras, dignidades, distinções; se não contribuís para minha salvação, se não fazeis um grande cabedal de méritos para a eternidade, se de nada me servis para a outra vida, não sois para mim senão vaidade, frusleiras, puerilidades, sonhos lisonjeiros, manancial funesto de mil remorsos, de mil desesperados ais na hora da morte.

Bom Deus! Pois em que se empregam nossos dias? Se nenhum pensamento, nenhum desejo, nenhuma ação nossa devesse deixar de referir-se a Deus, de quantas inutilidades, de quantos nadas está cheia nossa vida! Conversações ociosas, visitas divertidas, entretenimentos frívolos, diversões insulsas, horas de jogo, passeios, espetáculos, prazeres: isto é em que passam sua vida a maior parte dos homens, ao menos enquanto algum grande contratempo, os achaques ou os

muitos anos não os condenam ao retiro de sua casa; e então ocupa o lugar de uma ociosidade delicada uma inação enfadonha. Os últimos dias da vida são mais molestos, mas não são menos ociosos. Está o velho ocioso por necessidade, depois de havê-lo estado por seu gosto. Este é o retrato da vida de muitos; mas será este o retrato da vida cristã?

E até aqueles que, ao parecer, estão mais ocupados, estarão por isso menos inutilmente? Que fruto, que proveito se tira para a eternidade dessas contínuas viagens, dessas vigílias que ressecam, dessa vida afanada, austera, cheia de cuidados, desses negócios que só servem para encurtar os dias da vida? Porque este é o fruto que se colhe de tudo o que não serve para a vida eterna.

Velai, orai sem intermissão, dai-vos pressa, esforçai-vos a entrar pela porta do céu, diz o Salvador: *Contendite.* Não trabalhando incessantemente para o céu, não fazendo-se uma contínua violência para chegar a tempo, já não há lugar nele. Ainda que foi pura, ainda que foi irrepreensível a vida daquelas virgens que, por haverem-se descuidado, não fizeram a tempo a provisão necessária para receber o esposo, este descuido e falta de previsão foi bastante para carecer eternamente de sua presença e para que fossem justamente reprovadas. Os motivos daquela ditosa sentença que porá os escolhidos em posse do reino dos céus todos se reduzem ao exercício das obras de misericórdia; e o servo preguiçoso só foi condenado por não haver negociado com seu talento. Cotejemos estas verdades com a vida inútil e regalona da maior parte dos seculares, e até de não poucos eclesiásticos que, fazendo-se surdos a suas mais estreitas obrigações, passam a vida numa mole e escandalosa ociosidade.

Oh, meu Deus, e que impressão, que efeito tão triste fará algum dia em nossos corações o paralelo entre a vida laboriosa dos santos e a ociosidade da nossa!

Segundo ponto

Considera que, se no dia do juízo, como diz o Salvador, havemos de dar estreita conta até da menor palavra ociosa, que conta se dará de todas aquelas horas perdidas, de todos aqueles dias inúteis!

A figueira de que se fala no Evangelho não tinha outro defeito que o de não haver dado fruto, ainda que não era tempo dele: contudo o Senhor lhe lançou a maldição, e no ponto secou. Fácil é entender o verdadeiro sentido desta parábola. Nunca deve ser estéril a vida do cristão; começa a ser repreensível desde que começa a ser infecunda. Em vista disto, a vida daquela gente de conveniências, daqueles homens de distinção, daquelas damas do mundo e até de tantas pessoas eclesiásticas, que se gasta e se consome em vãs inutilidades, será vida muito inocente, será muito do agrado daquele Senhor que quer que até os que têm trabalhado mais estejam persuadidos de que nada fizeram?

Quantos homens, quantas mulheres ociosas há que fazem ponto de nobreza da ociosidade e julgariam acreditar-se de gente plebeia se trabalhassem! Hoje se estabelece por lei no mundo, e até se chega a fazer mérito de não saber fazer nada: o mundo, a diversão, o jogo, as bagatelas

absorvem todo o tempo.

Grande parte dele leva-a o toucador e o espelho, e o jogo e as diversões ocupam outra grande porção; e aquelas visitas inúteis, em que muitas vezes não se tem outro objeto que verem-se e olharem-se, e até aqueles negócios cujo único móvel é a ambição e a cobiça, passarão no tribunal do supremo Juiz por ocupações sérias e legítimas? Serão recebidas em conta como obras de vida? Admitir-se-ão por frutos sazonados que se conservam por toda a eternidade? Semelhante vida será obra digna de nossa santa lei?

Bom Deus, que sentirão aquelas almas mundanas, aqueles corações terrenos, aqueles cristãos frouxos e imperfeitos quando, dissipados os prestígios das paixões, a favor da luz da razão, que até então havia estado como escrava, e de uma fé que havia estado quase de todo apagada, descobrirem e virem que todos aqueles projetos com que tanto se alimentavam eram vãos; que aquelas ações brilhantes que faziam tanto ruído, aquela elevada fortuna que lhes custou tantos suores, aquelas diversões seguidas de tantos remorsos, que tudo isto não foi mais que ilusão, inutilidade, perda de tempo, manancial fecundo de arrependimentos e semente, por assim dizer, de uma eternidade de suplícios! Quando verão que aquela vida, só regular na aparência e na superfície, não foi mais que uma virtude de perspectiva; que aquelas obras que pareciam boas e virtuosas estavam viciadas com fins tortos que as fizeram inúteis! *Seminastis multum, et intulistis parum* [^2]. Quantos trabalhos perdidos! Quantos dias vazios! Quantas ações malogradas! Quantas flores e quantas folhagens sem fruto!

Padece-se enquanto se vive uma espécie de aturdimento. A inclinação natural, o mau exemplo, o perverso costume, tudo conspira, tudo contribui para que passemos a vida numa perniciosa inutilidade para o céu em meio dos mais penosos trabalhos.

Ah, meu Deus! Vedes-me aqui já para o fim de minha carreira; já estou descobrindo a sepultura; já vai declinando o dia, e passei a vida em inutilidades frívolas, em vãos passatempos, em ocupações pueris. Não permitais, Senhor, que aumente o número dos dias vazios; cesse desde hoje a esterilidade das boas obras. Não, divino Salvador meu, já não quero levar mais uma vida inútil e ociosa: concedei-me vossa graça, e já não serei uma árvore estéril, boa só para o fogo.

Jaculatórias

> *Ego autem, sicut oliva fructifera in domo Dei, speravi in misericordia Dei in æternum.* Sl 51.

Serei daqui em diante como oliveira fecunda plantada na casa de meu Deus, que crescerá e frutificará aos olhos de sua divina misericórdia.

>

> *Ecce mensurabiles posuisti dies meos: et substantia mea tanquam nihilum ante te.* Sl 38.

Destes-me, Senhor, medidos e contados os dias da vida, e esses poucos dias não tiveram suco nem substância a vossos divinos olhos.

Propósitos

1. A ociosidade adormece, mas não faz insensíveis os que amodorra. Há certos intervalos de religião e de razão que deixam conhecer com espanto o caos horroroso de pecados em que cria e sepulta a vida inútil as pessoas mundanas. Por mais que se dissimule, sente-se o escozor dos remorsos, gosta-se a amargura das funestas consequências que traz consigo a ociosidade. De que outro princípio pode provir aquele tédio da devoção, aquela debilidade na fé, aquelas comunicações ilícitas, aqueles enredos e artifícios? E depois se perguntará: que mal há em passar uma vida ociosa? Antes se deveria perguntar se pode haver maior mal na vida de um cristão. E será este mal menos de temer nas pessoas consagradas a Deus? A ociosidade e a delicadeza podem talvez introduzir-se até no retiro mais austero: e que estragos não causará num estado santo, mas menos solitário e por isso mesmo mais exposto? Uma grossa renda no estado eclesiástico impõe grandes obrigações; mas não faz muitos ociosos? Os mais ricos benefícios estão carregados de menos deveres? Esses frutos da piedade dos fiéis, esse patrimônio dos pobres, estarão porventura destinados a perpetuar uma ociosidade mais brilhante e a fomentar uma delicadeza mais escandalosa? Em qualquer estado em que te achares, em qualquer lugar que ocupes no mundo, foge da ociosidade como mãe de todos os vícios. O mais ordinário nas pessoas entregues à ociosidade é precipitar-se na desordem. Ela é perniciosa aos grandes, perigosa à gente comum e nociva para todos. Nenhuma coisa prejudica tanto como uma vida inútil: está isenta a tua deste prejuízo? Podem-se chamar cheios todos os teus dias? Mas adverte que podem ocupar-se em mil inutilidades. E não poderão entrar neste número essas conversações pouco sérias, essas diversões contínuas, esses passatempos, essas visitas inúteis? Quantas horas perdidas no dia e quantos dias malogrados no discurso de tua vida! Faze o cálculo neste mesmo dia; examina se são úteis todas as tuas ocupações e tem entendido que as que não conduzem para a salvação se devem contar por nada.

2. Desde hoje hás de impor-te uma lei de não estar jamais ocioso. Tem o corpo necessidade de algum descanso e o espírito de algum desafogo; mas até este mesmo desafogo e este mesmo descanso devem ser úteis, e hás de cuidar tu de santificá-los com a oração, ou pelo menos com frequentes jaculatórias. Enquanto tivermos Cristo realmente presente no Sacramento do altar; enquanto houver pobres enfermos nos hospitais e envergonhados nas casas particulares, poder-se-á dizer sem vergonha que não há nada que fazer e que não sabemos em que empregar o tempo? Uma senhora cristã sempre deve ter nas mãos alguma lavor; porque por esta continuação no trabalho celebra e louva o Espírito Santo a mulher forte. As senhoras da maior distinção fazem vaidade de estar sempre com a lavor nas mãos; e uma mulher ordinária, orgulhosa por possuir

alguns bens de fortuna ou pelo emprego de seu marido, terá vergonha de que a vejam trabalhar! Também as pessoas devotas podem dar no extremo de fanáticas e de preguiçosas: uma contemplação demasiadamente abstrata e uma oração demasiadamente quieta, sem outros perigos que trazem consigo, são não poucas vezes uma mera ociosidade. Nada se há de temer tanto como a inação e a inutilidade até nas mesmas ações: Deus deve ser o objeto principal, o motivo e o fim de todas elas.

[^1]: O original remete à «pág. 309» da edição consultada; o evangelho é Jo 15,1-7, o mesmo do dia 14. [^2]: No original há aqui uma chamada de nota cujo texto, na digitalização, aparece como «Ass.» (provavelmente «Ag.», isto é, Ageu 1,6: «Semeastes muito e recolhestes pouco»). A identificação é conjetural.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:25 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:25 by Admin